

*com Igor José de Renó Machado**
*por Soraya Resende Fleischer***

* professor de Antropologia, Universidade Federal de São Carlos

** professora de Antropologia, Universidade de Brasília

Durante a realização do seminário “O ensino e a Pesquisa em Antropologia na Zona da Mata Mineira II”, o professor de Antropologia da Universidade Federal de São Carlos, Igor José de Renó Machado, se dispôs a ser entrevistado pela professora de Antropologia, Soraya Fleischer, da Universidade de Brasília. O professor é coordenador do grupo de pesquisa CNPq “Antropologia das migrações”, sediado no Laboratório de Estudos Migratórios. Entretanto, o tema da entrevista se refere à sua experiência como diretor da Editora da UFSCar.

SORAYA: *Esta entrevista está dentro de meus interesses constantes em discutir e registrar nossas experiências acadêmicas de forma geral, não apenas nosso rama-rama de fazer pesquisa e escrever resultados na forma de artigos e livros. Estou falando dos bastidores, as outras tantas coisas que fazemos de modo rotineiro e nem sempre perceptível, nem sempre registrado em textos como: preparar e oferece um curso, organizar a publicação de um livro, fazer uma entrevista de trabalho, orientar estudantes etc. São todos exemplos do que quero dizer com os nossos bastidores. Então, passemos à entrevista. Igor, me conte como foi essa história de ir parar numa editora. Quem lhe convidou, por que você aceitou, que desafios você vislumbrou ao aceitar?*

IGOR: A indicação foi política. Você não vai para uma editora puramente por méritos acadêmicos, tem que estar integrado politicamente ao grupo vencedor, provavelmente. E foi dessa maneira:

por acaso, eu apoiei um grupo que disputou a eleição da Diretoria do nosso Centro. Eu fiz campanha para um candidato que não ganhou. Mas eu participei ativamente da campanha. Esse candidato, que não ganhou, era também o candidato da reitora recém-eleita, que antes era diretora do nosso centro, com quem eu tinha uma relação profissional, mas não histórica. E, por acaso, nesse meio tempo, a gente conversou e a editora era um assunto que vinha à tona sempre. Eu já tinha esse contato com a reitora, a Wanda Hoffmann, e ela veio conversar comigo sobre o futuro da editora, porque eu estava ligado ao grupo da campanha dela. Falei que a gente das Ciências Sociais gostaria muito de ficar com a editora. A UFSCar, tem um Departamento das Ciências Sociais e outro de Sociologia. Nas Ciências Sociais, tem os antropólogos, os “politicólogos” e dois sociólogos que se recusaram a ir para o Departamento de Sociologia. Ela perguntou quem das Ciências Sociais poderia assumir a editora. Eu falei: “Wanda, eu, obviamente”. Então, sugeri meu nome. Se havia algum cargo que eu cobiçava, que me interessava, era esse.

SORAYA: *Por que lhe interessava?*

IGOR: Dentro da burocracia da universidade, o trabalho em uma editora é o mais próximo daquilo que a gente faz na nossa vida acadêmica cotidiana. Assim, aprender a ser editor me ajuda a ser um

antropólogo mais interessante, entre outras coisas. É uma coisa que não me distancia tanto da vida acadêmica, como o resto da burocracia. Então, é um cargo burocrático que me daria prazer em exercer. E depois de ser eleita, ela me convidou. Ela tinha outras pessoas em mente que não quiseram assumir até chegar em meu nome. O editor anterior foi um sociólogo que ficou na Direção por 16 anos. Descobri também que é muito fácil estabelecer inimigos na editora porque, às vezes, você precisa recusar livros. Às vezes, o livro fica muito tempo na sua mão, muito mais do que ele deveria, em circunstâncias que fogem do seu controle, o que acaba irritando as pessoas. E, às vezes, o processo de edição é um processo tumultuado, tenso, que a pessoa espera uma coisa, mas a editora só pode oferecer X, Y e Z.

SORAYA: *Há toda uma série de etapas a cumprir.*

IGOR: Exatamente. Então é muito fácil desagradar as pessoas.

SORAYA: *Então, quer dizer que a Editora já possuía uma experiência de ser dirigida por alguém das Ciências Sociais.*

IGOR: Na verdade, ele (o editor anterior), começou a carreira como engenheiro, depois virou um historiador de migrações e estuda migração assim como eu.

SORAYA: *E como que as Ciências Sociais entram numa editora, entram na gestão? Como pessoas de nossa área podem contribuir no trabalho de uma editora?*

IGOR: Eu não falo das Ciências Sociais, eu falo da Antropologia, que é o meu ponto de vista. Nós somos capazes de produzir boas administrações por conta da formação antropológica. Penso até que eu esteja fazendo um trabalho de campo na Editora. Um trabalho de campo pressupõe que você esteja tentando entender códigos, buscando compreender relações de poder, assimetrias. Então, o que eu fiz, nesse pouco tempo desde que cheguei, é entender como as relações se configuram ali dentro. Entender quem se relaciona com quem, quem não gosta de quem, que tipo de conduta não funciona e qual funciona, que tipo de história eles contam, que tipo de piada eles fazem.

SORAYA: *Que barato essa abordagem. E como essa cultura da editora influencia no processo editorial em si?*

IGOR: O ethos do trabalho implica na forma como as pessoas trabalham. E a forma como as pessoas trabalham na editora é um processo editorial. Assim, se você quer fazer alguma coisa mais ágil, tem que entender como as pessoas enxergam seu trabalho. Eu não posso criar um método editorial na minha cabeça e impor a uma equipe que opera há 15 anos. Não funciona. Você não pode brigar com as práticas

cotidianas das pessoas. Mas, uma vez entendendo o contexto, você pode conquistar espaços para tocar melhor o trabalho editorial. Quando eu cheguei, eu vi que haviam muitos espaços em branco, o processo era lento e isso até irritava as pessoas que lá trabalhavam. Então, quando eu comecei a trazer essas questões, as pessoas compraram muito rapidamente a ideia, concordaram que dava para fazer mais.

SORAYA: *Isso era uma inquietação delas?*

IGOR: Exatamente, entendeu? Às vezes, eu sentia que tinha uma pressão por parte da equipe, as pessoas queriam fazer mais. Elas se identificam com o trabalho, vestem mesmo a camisa da editora. E, por outro lado, também era preciso fazer uma espécie de enxugamento dos contratos que a editora tinha. Ao fazer isso, eu cancelei alguns contratos que me pareciam muito pouco interessantes à editora. Mas, eu fiz isso de um ponto de vista meramente gerencial: a gente está com pouca grana, precisa diminuir, enfim. Só que ao fazer isso, as pessoas vieram junto comigo, porque elas se incomodavam muito com alguns contratos, que não faziam sentido. Então, também teve esse acaso, do que elas já esperavam, acabaram ficando felizes com a minha presença e apoiaram a minha gestão. Por exemplo, o contrato de divulgação comercial era muito caro, custava mais que o salário de um funcionário. Consegui trazer a Coordenação de Comunicação da Universidade para

fazer essa função para a editora, sem custos. Essa é uma prática do nosso métier, entender as coisas que estão acontecendo. Só que, para além disso, você tem outro estágio da função burocrática, que é fazer as coisas e não só entendê-las. Nesse sentido, você procura fazer, tentando não estourar nenhuma corda, ou deixando para elas estourarem só quando souber como resolver.

SORAYA: *Quantas pessoas trabalham na editora?*

IGOR: São três técnicos-administrativos e eram oito funcionários contratados como CLT pela Fundação de Apoio Institucional ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FAI-UFSCar) e mais seis ou sete estagiários. E caiu de oito para seis funcionários, demiti duas pessoas por conta das nossas contas que estavam muito ruins. Agora, são oito estagiários, aumentei dois estagiários. Então é esse coletivo que eu gerencio. E tem a editora e a livraria, as duas coisas são administradas por mim.

SORAYA: *E a livraria fica dentro do campus?*

IGOR: Isso, ela fica dentro do campus, embaixo da biblioteca.

SORAYA: *Você também mencionou um elemento que parece bem específico de uma editora: o tempo. Por que acelerar o processo de publicação é importante? Como você está melhorando esse gargalo?*

IGOR: Uma questão é o tamanho da editora. E o tamanho das editoras se mede pelo volume de publicações por ano. Então, tínhamos um volume que interpretávamos no cenário das editoras universitárias, como uma editora de porte médio, que publicava de 20 a 30 livros por ano. Mas, assim, há uma vontade de ver a editora mais importante no cenário acadêmico, por parte das pessoas que estão ali trabalhando e, claro, também minha como editor.

SORAYA: *Essa é uma expectativa também da reitoria?*

IGOR: Não, não sofro nenhuma pressão da reitoria. Eles me deixam bem livre. O que eu fiz, na verdade, foi mostrar para eles o cenário que eu tinha e qual era o plano. A gente quer crescer como editora universitária importante, para que os nossos livros tenham mais impacto. Esse é um desejo profissional de quem está lá, de trabalhar em uma editora que seja mais importante e uma das coisas que faz diferença é o volume anual de publicações. E esse número não era sequer administrado. O livro entrava e quando saísse, ele saía. Você não tinha nenhuma intervenção no processo de produção editorial. As pessoas cuidavam dos livros do jeito que elas queriam ali dentro. De certa forma, eu tirei do controle das pessoas o próprio processo, que é uma coisa tensa, e começamos a usar um *software* de controle do

trabalho editorial, o Trello¹. Mas, ao mesmo tempo, aquilo organizou a produção das próprias pessoas e elas, depois de um tempo com a ferramenta, se sentiram confortáveis com aquilo porque produzia uma espécie de rotina de trabalho. O funcionário entra, abre o Trello, vê o que está faltando, qual livro está ali há mais tempo, qual precisa andar mais ou menos. Até um tempo atrás, eu ficava patrulhando o funcionamento cotidiano. Depois que as pessoas se acostumaram com a ferramenta, elas se apropriaram dela e agora estão andando mais rápido do que eu.

SORAYA: *Então, foi muito legal essa possibilidade de auto-organização do trabalho.*

IGOR: Foi muito bacana. Era muito comum você chegar lá e encontrar um revisor de braços cruzados, porque a diagramação não tinha terminado e não tinha nada para fazer. E a produção era feita desses intervalos: passava dois dias sem trabalhar, porque o livro não tinha chegado. O Trello permitiu eliminar esse problema e ganhar certa agilidade na produção de pareceres, o que não havia. Controlamos também nossos pareceres com o Trello, nos ajuda a saber há quanto

tempo o livro está nas mãos de um parecerista, se precisa correr ou não. Hoje, ninguém mais passa uma tarde em branco.

SORAYA: *Tem vários livros em produção ao mesmo tempo, cada um em uma etapa.*

IGOR: Isso. Estamos trabalhando com dez, doze livros na “fábrica”, numa produção simultânea, ninguém vai ficar parado. E é um saco ficar meio dia parado sem nada para fazer. As pessoas estão trabalhando mais e, ao mesmo tempo, ficando menos na editora. Eu sou muito flexível: “Olha, gente, acabou tal coisa. Vamos embora”.

SORAYA: *E, como editor, você tem que ir todo dia lá? Como é a sua rotina como editor?*

IGOR: Eu não tenho que ir, mas no início eu ia todo dia, porque também tem essa coisa de se apropriar da rotina de trabalho e as pessoas se acostumarem com você.

SORAYA: *Essa presença diária era importante para, como você chamou, o trabalho de campo que você estava fazendo.*

IGOR: Isso, para eu entender melhor tudo aquilo. Agora, eu fico de segunda à quinta. Então, na sexta-feira e no final da quinta-feira, eu não

¹ Software gratuito que organiza e gerencia projetos e fluxos de trabalho em listas. No caso, a ferramenta ordena os livros e pareceres.

fico mais, eu tenho que trabalhar nas minhas coisas também em algum momento, concentro-as na quinta à tarde e durante a sexta-feira. Então, de certa forma, eles se acostumaram com essa rotina e tem funcionado bastante bem. Eles conversam muito comigo pela ferramenta de trabalho e eu fico o tempo inteiro conectado. Por exemplo, hoje de manhã aqui em Viçosa, eu estava tomando decisões editoriais sobre as coisas que estão acontecendo por lá.

SORAYA: *Conte-me mais sobre o Trello. Vocês que inventaram? É um software que várias editoras usam?*

IGOR: As editoras universitárias não usam. Na verdade, não é um *software* para controle de fluxo de trabalho, não é voltado necessariamente para editoras. É uma ferramenta comum do mundo administrativo. Quem me ensinou a mexer com essa ferramenta foram os meus alunos, quando eu editei a revista R@U. Eles usavam a ferramenta no trabalho da revista. Eu aprendi e achei muito bom. O *software* sistematiza a sua vida e posso ver o aplicativo do Trello no meu celular, aonde é que o trabalho está acontecendo, em que livro estamos etc.

SORAYA: *E a editora não tinha nenhum software desses de acompanhamento?*

IGOR: Não tinha. Era um projeto fazer um *software* específico para ela, mas é um custo muito alto para fazer, então a gente adotou o Trello. Até certo limite de pessoas, ele é de uso gratuito.

SORAYA: *O que você trouxe para editora da sua experiência pregressa de publicação como editor, autor, leitor, parecerista?*

IGOR: Eu fui editor dos e-books da ABA durante duas gestões e eu fazia o trabalho completo de editoração. Eu contratava uma pessoa para fazer as revisões, contratava uma pessoa para fazer a diagramação, a capa etc. Eu fazia sozinho todo esse processo de publicação. Fiz de seis a sete livros, é o que é possível fazer sozinho. Aprendi a fazer isso. Depois, eu fui editor da R@U e, enfim, comecei a lidar mais de frente com a questão dos pareceres e da celeridade dos pareceres com os fundamentos do processo editorial e entender como se organizar. Porque, se não, acontece o que vemos em algumas revistas da área, você fica dois a três anos sem notícias do seu artigo. E tudo isso me ajudou a entender o processo editorial, entender a “fabriquinha” funcionando e perceber a necessidade de celeridade em determinadas etapas que eram feitas com calma demais. Mas, tem todo um outro mundo de editora, que é o mundo comercial. Editora vende livro, editora tem um website, editora tem um sistema para gerenciar estoque, a editora tem um diretor comercial, tem contrato de distribuição. Disso tudo, eu não

tinha nenhuma ideia, eu tive que aprender a fazer, e foi difícil entender o funcionamento desse negócio, como é que determinadas decisões comerciais impactam a qualidade acadêmica da produção. E estamos fazendo isso, assinando contrato para edição de alguns livros para que a gente consiga publicar outros livros mesmo sem recursos. Procuramos alternativas administrativas e comerciais para continuar a produção no cenário de crise profunda e de poucas vendas, baixa de vendas violenta, ainda mais que temos que pagar todos os salários da editora com as vendas. Temos que vender mais e, ao mesmo tempo, aumentar o número de produtos para continuar produzindo venda. Então, uma parte difícil, quando a gente não está muito bem preparado, é encarar, de fato, a administração do negócio. Mas, também é mais legal de aprender, porque é completamente diferente.

SORAYA: *Eu gostaria de ouvir sobre o nosso mercado editorial, nossas revistas brasileiras de antropologia, tanto de docentes quanto de discentes, e também os livros da antropologia como monografias, etnografias completas, coletâneas, dentre outros. Você teve sua experiência como autor, como editor da ABA, como editor da R@U e agora a frente de uma editora. Quando terminar essa gestão, daqui a quatro anos, o que você leva de aprendizado para a nossa área? Aonde precisamos melhorar?*

IGOR: Em termos de revista, precisamos melhorar a administração do fluxo do tempo das revistas, que é o mais temerário. Uma revista profissional não pode levar três anos, dois anos, um ano e meio para dar a resposta para um texto. Você precisa de um processo de gerenciamento do tempo mais eficaz, ou seja, há um “quê” de profissionalização da produção das revistas, mas que as pessoas não profissionais podem aprender rapidamente. As revistas são muito largadas nesse sentido.

SORAYA: *Poucas revistas contam com alguma funcionária para a parte mais administrativa do dia a dia.*

IGOR: Veja, algumas revistas são organizadas e têm recursos dessa natureza e conseguem ser um pouco mais eficientes e outras revistas vivem de editoras que são razoavelmente competentes e, nesses momentos, elas produzem mais ou menos. Então, as revistas vivem de oscilações. Você não consegue manter, nas revistas sem recursos, a periodicidade. Às vezes, entra um editor que está mais devagar, enquanto outro estava mais rápido. Quando você tem o staff trabalhando, você consegue, pelo menos, centralizar um pouco da produção e isso te puxa para uma periodicidade. O que eu acho é que a gente trata muito pouco sobre isso com os nossos alunos. Falando nisso, honestamente, eu acho um erro as revistas de alunos.

SORAYA: *Você acha?*

IGOR: Eu acho. E vou te contar o exemplo da R@U. A nossa revista é a R@U pobre, porque, você sabe, tem a HAU rica, a revista europeia. A nossa R@U nasceu como revista de alunos. Era a revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFSCar. Depois de certo tempo, queríamos abrir uma revista dos docentes. Mas olhamos pra R@U e vimos uma revista muito bem-feita pelos alunos e foi conversar com eles: por que a gente não transforma essa revista em uma revista do programa? Que não é dos docentes, nem dos alunos, é do programa. Eles toparam. Nos juntamos com os alunos e temos agora sempre um editor professor e um editor aluno que trabalham juntos.

SORAYA: *Há um claro intuito pedagógico.*

IGOR: Isso, claramente pedagógico e mais do que isso. Há um intuito de concentração de força de trabalho, porque os alunos estão dispostos a trabalhar. Então, é mais fácil fazer uma revista e trabalhar profissionalmente com uma mão-de-obra dos alunos que estão ali aprendendo a fazer isso, do que você deixar na mão de dois docentes esperando que eles vão fazer sozinhos. Então, a gente conseguiu mobilizar mais alunos, eles estão todos na estrutura formal da revista e aquilo conta para o currículo deles. Eles estão ajudando a fazer a revista e simultaneamente, aprendendo a fazer a revista, é uma troca muito

interessante. E eles estão manipulando sistemas de gerenciamento, como por exemplo o Trello. Em alguns programas (e acho que as situações podem ser muito diferentes), a revista dos alunos compete com a revista dos professores em termos de mobilização de mão-de-obra. Prefiro uma coisa só e que os alunos passem por ela e aprendam fazendo, por exemplo. Mas é claro que existem revistas já consolidadas e que funcionam, ou outros que querem fazer diferente, ou um lugar que não consegue estabelecer diálogo entre um grupo e o outro. Estou falando de um programa bem pequenininho, nosso PPGAS tem dez docentes apenas. Além disso, uma revista dos alunos compete também por texto. As revistas deviam ser dos programas. É importante que os alunos trabalhem e aprendam a ser editores, que os alunos ajudem e montem juntos a revista. Quer dizer, a revista não é dos docentes e não é dos alunos.

SORAYA: *Mas, na realidade, Igor, vejo que pouquíssimas alunas conseguem publicar nas revistas dos programas...*

IGOR: Isso só acontece quando você estabelece de cara uma diferença. Na nossa R@U não, alunos publicam e alunos de outros programas também publicam.

SORAYA: *Não será por que ela nasceu discente? Quer dizer, ela tem uma marca, é isso que estou dizendo. Ela nasceu discente.*

IGOR: Mas ela é de um programa. A gente publica textos muito importantes, uma entrevista recente com a Janet Carsten, por exemplo. Mas também, claro, se já que tem um editor aluno, os demais discentes não ficam com medo da revista e é importante que estes não tenham medo das revistas. E mais, é importante que os docentes não hostilizem os alunos como possíveis autores, que é algo que acontece nas revistas: “Aluno não pode”.

SORAYA: *Exato, é disso mesmo que estou falando. Na UnB, temos a “Textos Graduados”, uma revista de estudantes graduandas das Ciências Sociais. Inclusive, eu participei da Comissão Editorial dessa revista em 1996, quando ela estava começando e eu era graduanda. Um dos problemas que ela enfrenta, hoje em dia, é que as pareceristas, que também são alunas, são muito exigentes. Então, as autoras recebem um parecer bem negativo, ficam desencorajadas de revisar e devolver o texto. Isso é um aspecto, mas há outro a ser considerado também. Nas revistas das docentes, nas revistas ditas profissionais, todos os textos tinham que ser avaliados às cegas. Só a secretaria saberia quem é a autora para poder, claro, dar o retorno e fazer a comunicação com essa autora. Os textos não podem chegar com nome para as editoras, porque são elas que vão escolher as pareceristas. Acho que o processo de duplo-cego tem que ser mais ampliado, levado*

mais a sério. Acho que há muito preconceito com os textos de discentes, na minha opinião. Já chegam com o carimbo de origem.

IGOR: Há muito preconceito.

SORAYA: *O que quero dizer é que há tanto preconceito para cima, quanto para baixo. Tanto a professora sênior que, muitas vezes, nem recebe um parecer porque as editoras julgam o texto “acima de qualquer suspeita”, quanto o texto da noviça que nem é mandado para parecerista e já é negado pelo nível de formação dessa autora.*

IGOR: Enfim, esse é um cenário difícil. Acho que estamos decompondo o campo editorial das revistas de antropologia em muitas unidades hierarquicamente constituídas, ao passo que deveríamos ter mais revistas que não fossem nem de X, nem de Y. E que fossem todas progressivamente opções melhores. Então, um professor só manda seus textos para revistas tais, o aluno só manda pra revistas tais, isso não é bom para as revistas e isso estratifica também a produção das pessoas.

SORAYA: *Concordo contigo. Há uma questão ética também: nesse arranjo de todo mundo trabalhar junto na mesma revista e de ser também uma experiência pedagógica para as estudantes, pode ter muita revista em que elas vão trabalhar, mas que elas não vão poder publicar, você não acha? Temo que virem uma mão-de-obra barata.*

IGOR: Tudo bem que eles, às vezes, não vão poder publicar na própria revista que estão trabalhando, mas sugiro que o aprendizado por si já vale. Eles estarão aprendendo como fazer. E mais, terão a chance de ver exatamente como publicam, como trabalham essas revistas. Eles estão vendo o processo acontecer. E outra, qualquer pessoa que trabalha na revista supostamente não deve publicar ali.

SORAYA: *Para evitar a endogamia.*

IGOR: Exatamente, mas eu acho que a experiência editorial dos alunos faz com que eles queiram publicar, então eles procuram alternativas de publicação.

SORAYA: *Ainda sobre experiência: como podemos ampliar ainda mais a socialização de nossas estudantes no mundo da publicação? Tanto do mais inicial, que é o processo de escrita de um artigo, até procurar uma revista, se comunicar com a editora, responder à parecerista, ou fazer um parecer etc.*

IGOR: Não há formação específica para isso, ninguém ensina. Você aprende selvagemmente.

SORAYA: *Sim, é o que acontece. Mas você não acha que deveríamos estar ensinando tudo isso explicitamente também? Não faz parte de nosso papel docente também?*

IGOR: Deveríamos, de alguma forma, ensinar isso na graduação.

SORAYA: *Como? Queria conhecer ideias interessantes e criativas nesse sentido.*

IGOR: Cursos podem passar por isso de alguma forma ou de outra. Mas o mais interessante, no final das contas, é a experiência que os alunos têm ao participarem dessas revistas. No final, aprende-se mesmo na prática. Por isso, acho muito importante que eles participem das revistas e, ao mesmo tempo, creio que seja importante que as revistas não sejam revistas de alunos, mas façam parte de um programa. E o programa se fortalece com isso. Então, a aprendizagem é ultrapassagem, mas não sei se é o suficiente. Talvez não seja, talvez a gente tenha que ensinar no primeiro ano de pós-graduação o que é uma publicação, o que é um currículo lattes, como fazer um concurso, porque também é importante, é toda uma parte prática da nossa formação.

SORAYA: *E tem uma série de coisas dos bastidores que a gente aprende só pelo mimetismo, só olhando para as nossas mestras. Mas, por exemplo, o pessoal da Saúde Coletiva, que é uma área por onde eu transito bastante, faz encontros, com alguma frequência, entre editoras de revistas de saúde coletiva. Eu fico pensando se esse não é um espaço que temos que ocupar mais, juntar a editora da R@U, com a da*

Anuário Antropológico, com a da Horizontes Antropológicos, com a da revista Áltera etc.

IGOR: Supostamente já temos isso nas reuniões da ABA, tem reunião dos editores, mas eu acho que é muito pouco. Deveriam ser mais frequentes. Eu acho que o campo é muito competitivo e ter tanta hierarquia dificulta o diálogo. Além de que o fato de as revistas serem separadas em estratos, digamos assim, dos alunos e dos docentes, dificulta a formação deles. E eu não sei se existem esses fóruns entre as revistas dos alunos. Isso deveria acontecer.

SORAYA: *Isso seria realmente muito legal. Ou todo mundo junto, revistas de discentes e de docentes numa mesma reunião, para minar essa estratificação que você bem menciona.*

IGOR: Porque a partir disso, eles podem trocar informações, inclusive informações onde eles enfrentam situações menos estratificadas que podem ser exemplares para outros alunos.

SORAYA: *E também identificar que têm gargalos semelhantes e encontrar soluções.*

IGOR: Há também uma falta de opções profissionais para os nossos alunos. Eu gostaria de formar alguns alunos que fossem trabalhar na editora. Em nossos cursos de formação estudantes de mestrado,

poderíamos falar mais sobre como é o trabalho de um editor, como é que funciona uma editora, eventualmente trocar aulas por estágios.

SORAYA: *Eu estou pensando em uma disciplina específica mesmo. Inventar um monte de assuntos para colocar dentro de uma disciplina sobre o mundo da publicação: escrita de diferentes tipos de textos (resenha, ensaio bibliográfico, artigo, livro autoral, coletânea etc.), comunicação com a editora, escrever e receber pareceres, softwares de submissão de artigos e de gerenciamento do trabalho editorial, etc.*

IGOR: Isso é uma possibilidade, sem dúvidas, mas, assim, eu estou pensando na formação profissional da pessoa. Suponha que ela fez mestrado em antropologia e, em vez de fazer cinco disciplinas, ela fez quatro e um estágio de seis meses numa editora. Quando ela sai para o mercado de trabalho, ela tem uma coisa diferente para oferecer.

SORAYA: *Claro, um trunfo a mais! Ótima ideia.*

IGOR: É isso que faria a diferença. Da mesma forma como, por exemplo, se ensinamos museologia. O estudante, além das disciplinas, fez um estágio de seis meses em um museu. Ele tem uma outra opção. Ele pode olhar para aquilo também como alternativa de trabalho se a academia não tiver vagas naquele momento. É esse tipo de flexibilidade nos nossos currículos que precisamos ter.

SORAYA: *Mas eu também acho que há a necessidade de uma formação em outro nível para conseguirmos mudar e aprimorar a cultura editorial. Para tanto, precisamos ter mais gente discutindo isso. Não só uma experiência individual de estágio, um exemplo pontual.*

IGOR: Eu entendo e acho pertinente, mas você está pensando ainda num nível de otimização na vida acadêmica do aluno. Ele vai usar isso para considerar a vida acadêmica. Eu estou pensando num cenário aonde a vida acadêmica não vai dar para todo mundo e dos dez que a gente formar, cinco vão ter que arranjar outro emprego. Eu acho que o estudante pode ter uma experiência profissional dentro do mestrado (mesmo que não seja um mestrado profissional) que o ajude enormemente. Eu tenho certeza que as editoras profissionais precisam desse suporte por uma série de motivos.

SORAYA: *Na verdade, o nosso leque de estágios é muito pequeno em geral.*

IGOR: Sim. O estudante poderia fazer um estágio de seis meses em uma empresa que produz laudos, por exemplo.

SORAYA: *Claro. O que eu percebo em Brasília, onde há muitas antropólogas profissionais, é que há vagas para estágio em órgãos onde há antropólogas fazendo aquele serviço. E são essas antropólogas que bolam um termo de referência para poder selecionar*

uma estagiária específica da área da Antropologia. É uma profissional que abre espaço para a próxima.

IGOR: Os nossos programas de pós-graduação poderiam dar um jeito de incorporar essas práticas à formação dos alunos.

SORAYA: *Uma disciplina que contemplasse o estágio, para a estudante já ganhar crédito. Mas os departamentos também poderiam orquestrar mais programas de estágio.*

IGOR: Isso.

SORAYA: *Mudando um pouco de assunto, e os livros? Você acha que a gente vai mesmo passar totalmente ao formato de e-book? Estamos preparadas pra ler tudo no Kindle, Kobo, Lev? Como a Antropologia está nesse mundo eletrônico?*

IGOR: Essa é uma questão. Havia um crescimento do e-book, depois vimos uma diminuição. Há determinados tipos de livros mais técnicos ou livros de uso profissional, e há alguns livros de Antropologia que se encaixam nessas categorias, que podem ser e-books. Um livro que você precisa comprar só para ter uma informação, mas não é um livro que você quer ter em papel especificamente. Isso vai acontecer gradualmente. Você não quer ter o livro na estante, não tem mais espaço e vai ler em e-book. Então, é uma tendência a oferta maior de e-books

pelas editoras dos livros que são produzidos em papel, mas também haverá para sempre uma quantidade de livros em papel. Nós antropólogos, os cientistas sociais, e, em especial, os autores, temos um fetiche pelo papel, queremos ver o resultado em papel. Mas, nossa maior dificuldade para fazer e-book são os autores, eles não querem e-book. Nesse sentido, estamos um pouco atrás de outras áreas, onde essa resistência não é tão grande.

SORAYA: *E as nossas etnografias, que são longas e a leitora precisa de conforto para passar dias e dias lendo? Eu acho que a Antropologia se destaca, quer dizer, é muito diferente de outras áreas.*

IGOR: É. A gente produz livros caros nesse sentido. Um caminho natural para os livros caros é virarem e-book. Suspeito que o que vai acontecer é o e-book oferecer a possibilidade de aumentar a quantidade de objetos-livros. Que não tem em papel, mas são livros, já que é mais barato para uma editora fazer um e-book. E é mais fácil trabalhar. Quanto maior o livro, mais tempo ele fica na edição e mais caro ele é, de qualquer jeito. Então, isso é um limite. Por isso que, quando se transforma uma etnografia num livro, em geral se diminui o tamanho.

SORAYA: *Mas ainda assim, a gente não consegue escrever livros com menos de 200 páginas.*

IGOR: Mas 200 é um tamanho aceitável. As coletâneas também têm, mais ou menos, esse número de páginas. E na Antropologia, publicamos muitas coletâneas. Somos um mercado excessivamente “coletanesco”, que é uma dinâmica da produção contemporânea. Você faz um Grupo de Trabalho na ANPOCS, junta dez textos e faz um livro. Você faz um Grupo de Trabalho na ABA, junta mais dez textos e faz um livro. Esse tem sido o nosso jeito de dar vazão à publicação.

SORAYA: *Mas também temos encontrado nas revistas o espaço dos dossiês para dar vazão a esses conjuntos de textos.*

IGOR: Exatamente. É o mecanismo mais simples de produzir rapidamente. E acho que as editoras produzem muitas coletâneas. Mas eu não sinto muito efeito editorial e receptividade para as coletâneas. A gente vende mais livro. As pessoas estão mais interessadas, no final das contas, na informação completa, do começo ao fim, no livro. Claramente, há coletâneas e coletâneas. Há algumas muito boas. Mas, em geral, as coletâneas têm dois terços de capítulos espetaculares e o outro terço menos interessante. Na editora, eu gostaria de publicar mais livros, mas há uma oferta grande que chega de autores com coletânea. E o processo editorial de uma coletânea é sempre muito complicado, porque as coletâneas são muito desiguais.

SORAYA: *E tem a parte da orquestração também, de trabalhar com quinze autoras ao mesmo tempo.*

IGOR: Mas esse não é exatamente o problema. O problema é a coletânea boa, que tem sete textos ótimos e três ruins. E a editora fala que não dá para publicar, que tem três textos muitos ruins. E entra em um atrito com os autores, porque os autores não querem abrir mão, porque são unidos entre si, são de um mesmo grupo de pesquisa etc. O processo profissional da edição fica prejudicado pelo tipo de relação social que as coletâneas estabelecem entre as pessoas. Mas temos uma política muito profissional. Se o texto não está bom, não sai. Eu não publico, não vai ser publicada a coletânea com esse texto. Esse é um jeito de deixar as coletâneas melhores. Esse é um atrito que a gente enfrenta constantemente com autores. E é mais difícil publicar livros inteiros, a não ser quando é uma tese de doutorado, a tese de livre-docência. Nas Ciências Humanas tem isso, é incrível, mas é mais difícil receber propostas de livros inteiros que não sejam vinculados a doutorado e mestrado, do que receber propostas de coletâneas. Se você

quer publicar, você tem mais chance se propuser um livro inteiro do que se propuser uma coletânea. Pelo menos, na nossa concepção editorial.

SORAYA: *É muito interessante pensar nessa linha que você está sugerindo, das relações que são estabelecidas a cada tipo de livro. A coletânea, por exemplo, quando não tem dinheiro, as organizadoras do livro podem conseguir fazer uma vaquinha antes ou depois com a venda, para pagar o livro. E, no caso da coletânea, já que são muitas as autoras, talvez seja mais fácil juntar o recurso do que no caso de um livro autoral. É interessante pensar cada livro composto por um conjunto de relações sociais muito específicas. Bom, então, falamos de muitas coisas. Eu quero lhe agradecer pelo tempo, pelo ótimo papo, pelas ideias provocadoras sobre o mundo editorial na Antropologia.²*

Degração: Luíza Bão Sobreira, graduanda em Ciências Sociais na Universidade de Brasília.

² No decorrer da entrevista, a Professora Soraya Fleischer utilizou a linguagem inclusiva de gênero ao se referir aos e às estudantes e professores/as.